

VOCARE® PORTUGAL

MONÓLOGOS

PT

MONÓLOGOS FEMININOS

Eugene Ionesco - A Cantora Careca

MARY: Elizabeth e Donald estão agora muito felizes. Não poderão ouvir-me, portanto. Posso então revelar-lhes um segredo. Elizabeth não é Elizabeth; Donald não é Donald. E aqui está a prova: a filha de que fala Donald, não é filha de Elizabeth; as duas não são a mesma criança. A filhinha de Donald tem um olho branco e outro vermelho exatamente como a filhinha de Elizabeth. Mas acontece que a filhinha de Donald tem um olho branco à direita e um olho vermelho à esquerda e a filhinha de Elisabeth tem um olho vermelho à direita e um olho branco à esquerda! Assim, todo sistema de dedução do Donald desmorona quando vai de contra a este obstáculo que destrói sua teoria. Apesar da extraordinária coincidência que parecem ser provas definitivas, Donald e Elizabeth, que não são pais da mesma criança, não são também Donald e nem Elizabeth. É em vão ele pensar que é o Donald, é em vão ela pensar que é a Elizabeth. Ele acredita em vão que ela é a Elizabeth. Ela acredita em vão que ele é o Donald - eles estão tristemente enganados. Mas quem é o verdadeiro Donald? Quem é a verdadeira Elizabeth?

Quem tem qualquer interesse em prolongar esta confusão? Eu não sei. Não vamos tentar saber.

Vamos deixar as coisas como são. (Ela toma vários passos em direção a porta e, em seguida,

volta e diz para a platéia:) Meu verdadeiro nome é Sherlock Holmes. (sai.)

VOCARE®

PORTUGAL

William Shakespeare - Romeu e Julieta

JULIETA: Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu? Renega o teu pai, despoja-te do teu nome; ou então, se não quiseres, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

A máscara da noite me cobre agora o rosto; do contrário, um rubor virginal me pintaria, de pronto, as faces, pelo que me ouviste dizer neste momento. Mas fora! fora com as formalidades! Amas-me? Sei que vais dizer-me "sim", e creio no que dizes. Se o jurares, porém, talvez te mostres inconstante, pois dos perjúrios dos amantes, dizem, Jove sorri.

Ó meu gentil Romeu! Se amas, proclama-o com sinceridade; ou se pensas, acaso, que foi fácil minha conquista, vou tornar-me ríspida, franzir o sobreceño e dizer "não", porque me faças novamente a corte.

Belo Montecchio, é certo: estou perdida, louca de amor; daí poder pensares que meu procedimento é assaz leviano; mas podeis crer-me, cavalheiro, que hei de mais fiel mostrar-me do que quantas têm bastante astúcia para serem castas. Poderia ter sido mais prudente, preciso confessá-lo, se não fosse teres ouvido sem que eu percebesse, minha voraz paixão.

VOCARE®

PORTUGAL

Edward Albee - Encontrar O Sol

EDMEE (*Virando-se par GERTRUDE, ambas ainda nas cadeiras de praia. Muito coloquial, informal, informativa.*) Agora, para responder à sua pergunta—à sua indiscrição, para ser mais precisa, sobre o Fergus. A relação dele comigo é forte. É o meu filho. É mesmo: mãe verdadeira, filho verdadeiro. E desde que o meu marido—o pai—morreu, ele tem sido, por assim dizer, o “homem” da minha vida. Faz agora quatro anos que o pai mergulhou dos rochedos—para se exhibir, como era costume—bateu numa saliência, algo debaixo d’água que não era suposto estar onde estava, partiu o pescoço, e morreu afogado. (*encolhe os ombros*). Coisas que acontecem. Não estou a pensar casar-me outra vez; talvez o faça, mais tarde. Eu criei o Fergus; é um bom menino. Haverá, penso eu, poderá haver—uma ligação que transcenda o habitual, o habitual socialmente admissível, quero dizer, ou seja: caso fosse provocado, o Fergus viria para cama comigo sem hesitar. Uma mãe sabe estas coisas. Até admite que as sabe... Às vezes. Ele não sabe ou, caso tenha uma certa intuição, é suficientemente bem educado, ou esperto, para fazer de conta que não. É mais comum que seja o filho a desejar sexualmente a mãe do que a mãe o filho, pelo que em nada surpreenderá a informação de que o meu interesse em levar o Fergus para cama é mínimo. Meu Deus! Pari-o, peguei-lhe ao colo, embalei-o, sosseguei-o, dei-lhe banho, repreendi-o, vesti-o, guiei-o... porque raio é que havia agora de querer foder com ele? (*GERTRUDE deixa cair o que tiver na mão*)

VOCARE®

PORTUGAL

Federico Garcia Lorca - Dona Rosinha A Solteira

ROSINHA : Acostumei-me a viver muitos anos fora de mim, pensando em coisas que se encontravam muito longe e agora, que essas coisas Já não existem, continuo a dar voltas e mais voltas por um sitio frio, à procura de uma saída que não hei-de encontrar nunca. Eu sabia tudo. Sabia que ele se tinha casado. Uma alma caridosa encarregou-se de mo contar e lá ia recebendo as suas cartas com um misto de entusiasmo e de soluços. Eu própria me espantava com essa reacção. Se as pessoas não tivessem falado se voos não tivessem sabido; se ninguém, a não ser eu, o soubesse. as suas cartas e a sua mentira teriam alimentado a chama do meu entusiasmo como durante o primeiro ano da ausência dele Mas toda a gente sabia e era como se me apontassem com um dedo que tornava ridículo o meu recato de noiva e conferia um ar grotesco ao meu leque de solteira. Cada ano que pascava, era como uma peça de roupa intima que me arrancassem do corpo. E hoje casa-se uma amiga e a seguir outra e depois outra,

E amanhã uma delas tem um filho e o filho cresce e vem-me mostrar as notas que ele tem nos exames e fazem casas novas e compõem novas canções, e eu sempre exactamente na mesma, com a mesma tremura, a mesma: eu na mesma que antes, a colher o mesmo cravo, a ver as mesmas nuvens; e, um dia, vou ao jardim da praça e reparo que já não conheço ninguém; raparigas e rapazes vão-me deixando para trás, porque me canso, e um deles diz: «Não passa de uma solteirona:» e outro, bonito, de cabelo ondulado, comenta: «Nessa já ninguém pega». E eu oiço tudo isso e não posso gritar. Ando para a frente, com a boca cheia de veneno e com uma vontade doida de fugir, de tirar os sapatos, de descansar e de não me voltar a mexer nunca mais do meu canto.

Já estou velha. Ontem, ouvi a ama dizer que ainda me podia casar. Qual casar qual carapuça. A tia nem pense nisso. Já perdi a esperança de me casar com aquele de quem eu gostava com todo o meu sangue, com aquele de quem eu gostava e... de quem eu gosto.

VOCARE[®]

PORTUGAL

Está.' tudo acabado... e, no entanto, com todas as ilusões perdidas, deito-me e levanto-me com a mais terrível das sensações, que é a sensação de ter a esperança morta.

Quero fugir, quero deixar de ver, quero ficar serena, vazia._ Porventura uma pobre mulher não tem o direito de respirar com liberdade? E, apesar disso, a esperança persegue-me, ronda-me, morde-me; como um lobo moribundo que cravasse os dentes pela última vez.

VOCARE®

PORTUGAL

MONÓLOGOS MASCULINOS

Anton Tchekov - Os Malefícios do Tabaco

(Olhando os bastidores). Bom, parece-me que a minha mulher ainda não chegou. E como ela ainda cá não está, posso dizer tudo o que eu quiser. Tenho um medo horrível... um medo horrível quando ela olha para mim...

Pois bem, eis o que às vezes eu digo a mim próprio: se as minhas filhas demoram tanto a casar-se, é porque são tímidas e os cavalheiros não reparam nelas. A minha mulher não quer dar serões, não convida ninguém para jantar; é muito avarenta, conflituosa e azeda; e é por isso que ninguém vai a nossa casa. Mas..., mas aqui para nós e muito em segredo... (Aproxima-se da boca de cena; em tom de confiança). Nos dias de grande festa, quem quiser ver as filhas de minha mulher, é em casa da tia Natália Semionovna; conhecem...: aquela Natália Semionovna que sofre de reumatismo e tem um vestido amarelo, salpicado de manchas pretas que parecem baratas... Em casa dela até se servem acepipes; e quando a minha mulher não está, sempre se bebe um bocadito... Também é verdade que o mais pequeno copo me embriaga; então sente-se o coração tão quente..., e ao mesmo tempo fica-se tão triste..., que nem sou capaz de vos explicar... A gente recorda-se, não se sabe porquê, do tempo em que era novo, e só apetece fugir não se sabe para onde... Ah, se Vossas Excelências soubessem como é forte este desejo! (Com paixão). Fugir! Deixar tudo sem olhar para trás! Mas fugir para onde? Não importa para onde..., desde que se deixe esta vida estúpida e banal, esta vida medíocre que fez de mim um deplorável pateta, um velho idiota e ridículo... Fugir desta mesquinha, malvada, malvada avarenta que me martiriza e tortura há trinta e três anos! Fugir da música, da cozinha, do dinheiro da minha mulher, de todas estas ninharias, de todas estas baixezas... E parar num campo, em qualquer parte, longe, muito longe!... E debaixo de um céu imenso ser como uma árvore, uma vara..., ser como um espantalho de pardais..., e ver, toda a noite, por cima de mim, a lua tranquila e clara... E esquecer, esquecer, esquecer... Oh! Como eu desejaria arrancar esta casaca velha e mesquinha, dentro da qual me casei há mais de trinta e três anos..., (tira violentamente a casaca) dentro

VOCARE[®]

PORTUGAL

da qual faço continuamente conferências para fins beneficentes. Toma! (Calca raivosamente a casaca aos pés). Toma! Toma!... Estou velho, sou pobre, sou tão ridículo, tão lamentável como este colete com as suas costas coçadas e luzidias... (Volta-se para mostrar as costas do colete). Mas não preciso de coisa nenhuma! Estou acima disto e sou mais puro do que tudo isto! Dantes, era jovem, inteligente, cursava a Universidade, sonhava... Julgava-me um homem! Agora só preciso de repouso...

Max Aub - Crimes Exemplares

Começou a mexer o café com leite com a colherinha. O líquido quase transbordava empurrado pelo violento movimento do utensílio de alumínio (o copo era bem ordinário, o lugar, barato e a colher, torta de tanto uso). Ouvia-se o barulho do metal contra o vidro. Tilin, tilin, tilin, tilin. E o café com leite dando voltas e mais voltas, fazendo um redemoinho bem no meio. Maelstrom. Eu estava sentado bem em frente. O café estava lotado. O homem continuava lá, mexendo, mexendo, imóvel, sorridente, olhando para mim. Senti uma coisa por dentro subindo. Encarei-o de tal maneira que ele se viu obrigado a dar uma explicação: — O açúcar ainda não está dissolvido. Para comprovar, bateu com a colher várias vezes no fundo do copo. Recomeçou, com redobrada energia, a mexer metodicamente a bebida. Voltas e mais voltas, sem descanso e o ruído da colher no vidro do copo. Tilin, tilin, tilin. E outra vez, e outra, sem parar, eternamente. Girando e girando e girando e girando. E me olhava, sorrindo. Então puxei a pistola e disparei.

FEMALE MONOLOGUES

William Shakespeare – Romeo and Juliet

JULIET

Gallop apace, you fiery-footed steeds,
Towards Phoebus' lodging: such a wagoner
As Phaethon would whip you to the west,
And bring in cloudy night immediately.
Spread thy close curtain, love-performing night,
That runaway's eyes may wink and Romeo
Leap to these arms, untalk'd of and unseen.
Lovers can see to do their amorous rites
By their own beauties; or, if love be blind,
It best agrees with night. Come, civil night,
Thou sober-suited matron, all in black,
And learn me how to lose a winning match,
Play'd for a pair of stainless maidenhoods:
Hood my unmann'd blood, bating in my cheeks,
With thy black mantle; till strange love, grown bold,
Think true love acted simple modesty.
Come, night; come, Romeo; come, thou day in night;
For thou wilt lie upon the wings of night
Whiter than new snow on a raven's back.

VOCARE®

PORTUGAL

Come, gentle night, come, loving, black-brow'd night,
Give me my Romeo; and, when he shall die,
Take him and cut him out in little stars,
And he will make the face of heaven so fine
That all the world will be in love with night
And pay no worship to the garish sun.
O, I have bought the mansion of a love,
But not possess'd it, and, though I am sold,
Not yet enjoy'd: so tedious is this day
As is the night before some festival
To an impatient child that hath new robes
And may not wear them. O, here comes my nurse,
And she brings news; and every tongue that speaks
But Romeo's name speaks heavenly eloquence.

William Shakespeare - A Midsummer Night's Dream

HELENA

How happy some o'er other some can be!
Through Athens I am thought as fair as she.
But what of that? Demetrius thinks not so;
He will not know what all but he do know:
And as he errs, doting on Hermia's eyes,
So I, admiring of his qualities:

VOCARE[®]

PORTUGAL

Things base and vile, folding no quantity,
Love can transpose to form and dignity:
Love looks not with the eyes, but with the mind;
And therefore is wing'd Cupid painted blind:
Nor hath Love's mind of any judgement taste;
Wings and no eyes figure unheedy haste:
And therefore is Love said to be a child,
Because in choice he is so oft beguiled.
As waggish boys in game themselves forswear,
So the boy Love is perjured every where:
For ere Demetrius look'd on Hermia's eyne,
He hail'd down oaths that he was only mine;
And when this hail some heat from Hermia felt,
So he dissolved, and showers of oaths did melt.
I will go tell him of fair Hermia's flight:
Then to the wood will he to-morrow night
Pursue her; and for this intelligence
If I have thanks, it is a dear expense:
But herein mean I to enrich my pain,
To have his sight thither and back again.

VOCARE[®]

PORTUGAL

MALE MONOLOGUES

William Shakespeare - Hamlet

HAMLET

To be, or not to be: that is the question:
Whether 'tis nobler in the mind to suffer
The slings and arrows of outrageous fortune,
Or to take arms against a sea of troubles,
And by opposing end them? To die: to sleep;
No more; and by a sleep to say we end
The heartache and the thousand natural shocks
That flesh is heir to, 'tis a consummation
Devoutly to be wish'd. To die, to sleep;
To sleep: perchance to dream: ay, there's the rub;
For in that sleep of death what dreams may come
When we have shuffl'd off this mortal coil,
Must give us pause: there's the respect
That makes calamity of so long life;
For who would bear the whips and scorns of time,
The oppressor's wrong, the proud man's contumely,
The pangs of despis'd love, the law's delay,
The insolence of office and the spurns
That patient merit of the unworthy takes,
When he himself might his quietus make

VOCARE®

PORTUGAL

With a bare bodkin? who would fardels bear,
 To grunt and sweat under a weary life,
 But that the dread of something after death,
 The undiscover'd country from whose bourn
 No traveler returns, puzzles the will
 And makes us rather bear those ills we have
 Than fly to others that we know not of?
 Thus conscience does make cowards of us all;
 And thus the native hue of resolution
 Is sicklied o'er with the pale cast of thought,
 And enterprises of great pith and moment
 With this regard their currents turn awry,
 And lose the name of action.--Soft you now!
 The fair Ophelia! Nymph, in thy orisons
 Be all my sins remember'd.

Like Dreaming, Backwards by Kellie Powell

YALE: I sold her a ticket that night. I only recognized her because... we played foursquare together once. She introduced herself. I don't really remember anything we said, but she seemed sweet. I didn't know her last name until I saw the article in the paper. It said that she was a sophomore and a journalism major. She was from Joliet. She had a younger sister in high school, named Carolyn. I don't know why I remember everything about that article. Her picture... was in black and white and it was right under the "I-D-E" in "suicide." I don't know why I'm telling you this. The picture was small, it didn't look like a school picture, it looked more like a candid shot. She was sort of smiling, but she looked somehow... suspicious.

VOCARE®

PORTUGAL

I have a strangely vivid memory... of her face. That night... she seemed fine. Friendly, and smiling. And I couldn't have done anything different. And I couldn't have known what she was feeling. But then, I didn't ask, did I? I just never knew anyone who died...